

**Trabalhando
com a
imprensa**

Proposta de leitura

Desde a invenção da fotografia, no século passado, o mundo passou a viver numa “civilização da imagem”. Essa representação penetra todos os meandros da vida diária, e seria difícil pensar em nosso cotidiano sem ela. A imagem incorporou-se também aos meios de comunicação, de tal maneira que hoje é quase impossível imaginar uma revista ou jornal que prescindida dela. Ao mesmo tempo, somos bombardeados com imagens, nas revistas e jornais, na propaganda, na televisão, nos rótulos dos produtos que consumimos. São imagens fragmentárias que trazem informações, mas que também moldam e impõem hábitos e visões dos acontecimentos. **A**o realizar um trabalho com jornais, é necessário que o professor traga esses questionamentos a seus alunos. Afinal, se existe uma intencionalidade ao escrever um texto, o mesmo se pode dizer com relação à escolha das fotos. Elas não podem ser pensadas isoladamente, assim como o texto tem uma complementação necessária nas imagens. **C**omo acentua Boris Kossoy, “a partir do momento em que a fotografia permitiu sua reprodução na



página impressa dos jornais, das revistas, e das inúmeras publicações ilustradas, passaram a transmitir as imagens encomendadas dos fatos da história cotidiana do século XX, proporcionando o nascimento do fotojornalismo, porém, não raro, moldando – em função da manipulação das imagens/textos – a opinião pública segundo interesses e ideologias determinados, o mesmo ocorrendo com a exploração da imagem fotográfica fixa quando veiculada pelo cinema e pela televisão” (Kossoy, B. *Fotografia e história*, p. 88). **N**ossos alunos são, desde a mais tenra infância, bombardeados com imagens. Talvez venha desse fato a dificuldade que muitos deles têm de identificar permanências, vivendo numa situação de transitoriedade na qual *mudar* significa *acabar*. De fato, os jornais e a televisão trazem notícias e imagens das grandes tragédias ocorridas na África, por exemplo, mas quantos relatam as tragédias cotidianas enfrentadas por suas populações, decorrentes do processo histórico de colonização e descolonização? Quantos contam a situação dos países após as guerras terem terminado? **É** necessário que a escola incentive a leitura dos jornais, mas que essa seja uma *leitura*

crítica, isto é, que o jornal não seja visto apenas como um repositório de informações neutras e objetivas. O jornal é um formador de opiniões, não uma testemunha da história. Ele não *reflete* simplesmente uma realidade – participa dela. Foi com esse objetivo que abordamos, na parte inicial deste trabalho, algumas referências à história da fotografia e à história do fotojornalismo. A fotografia deve ser vista como um *produto*, no qual interferem certos *elementos constitutivos* (assunto, fotógrafo, tecnologia), mas também *coordenadas de situação* (espaço e tempo), para usar a terminologia de Boris Kossoy. Ou seja, fotografia contém em si o registro de um fragmento selecionado do real, isto é, um recorte *espacial* congelado num determinado *tempo*. Na fotografia estão os componentes de *ordem material*, mas também os de *ordem imaterial*, que são os mentais e culturais. Há uma *finalidade* e uma *intencionalidade* na produção fotográfica, decorrentes de várias escolhas, desde a escolha do assunto, do equipamento, das condições de luz, do ângulo, do posicionamento do fotógrafo ou do fotografado, e até mesmo as interferências diretas na imagem, para produzir determinado efeito. Há poucas décadas, valorizava-se a fotografia posada, com as pessoas rígidas, voltadas para a câmera. Mesmo as fotos das revistas ilustradas e jornais procuravam seguir esse padrão. Hoje, ao contrário, tais produções seriam rejeitadas unanimemente. Portanto, a fotografia permite vários tipos de leitura. Cada vez mais, ela vem sendo objeto de pesquisas por estudiosos de várias áreas, trazendo informações preciosas. Em sala de aula, sugerimos que o professor possibilite a seus alunos uma leitura o mais abrangente possível, começando por uma descrição da foto, do assunto, das condições técnicas de seu tratamento (conforme os conhecimentos dos alunos), do posicionamento do fotógrafo em relação ao assunto abordado, etc. Trata-se de uma fotografia posada, de um instantâneo, de uma produção ao ar livre ou em estúdio? Essa é uma fase de *descoberta* da fotografia, de descoberta da imagem. Depois, o professor pode transmitir aos alunos informações sobre o assunto da fotografia, sem as quais ela não poderia ser interpretada. A partir disso, o professor pode conduzir uma leitura mais interpretativa, sem deixar de lado o emocional, pois a fotografia não é, repetimos, simples depositá-

ria de informações objetivas. O fato de o assunto estar fotografado com o fotógrafo colocado mais abaixo, mais acima ou no mesmo nível daquilo que é fotografado produz determinados resultados, transmite determinadas idéias sobre o objeto focalizado. A *intencionalidade* do fotógrafo, assim, pode ganhar novo aprofundamento. Quando a fotografia estiver publicada num jornal ou revista, outros elementos terão de ser acrescentados. Como se dá a vinculação da imagem com o texto? Com que intencionalidade ela foi escolhida? Que cons-



trução ela realiza do objeto ou pessoa focalizados? Onde a fotografia foi publicada – na primeira página, na capa, em que posição perante o texto, que relações mantém com ele? Como o jornal obteve a foto – de uma agência, de um fotógrafo? É foto de arquivo? A foto apareceu em outros jornais? O assunto foi focalizado por outros jornais? Por quais, e como? E assim por diante. Seria interessante montar com os alunos um quadro para sistematizar essas informações, tanto as objetivas (nome da publicação, data, fotógrafo, assunto, posição na página, etc.) como as observações interpretativas. Outra opção seria trabalhar com o fotojornalismo através do tempo, escolhendo um tema. Como exercício, procurando simplesmente apontar sugestões, levantamos algumas possibilidades de leitura sobre a temática indígena, incorporando depois uma reflexão sobre as fotografias de Sebastião Salgado.

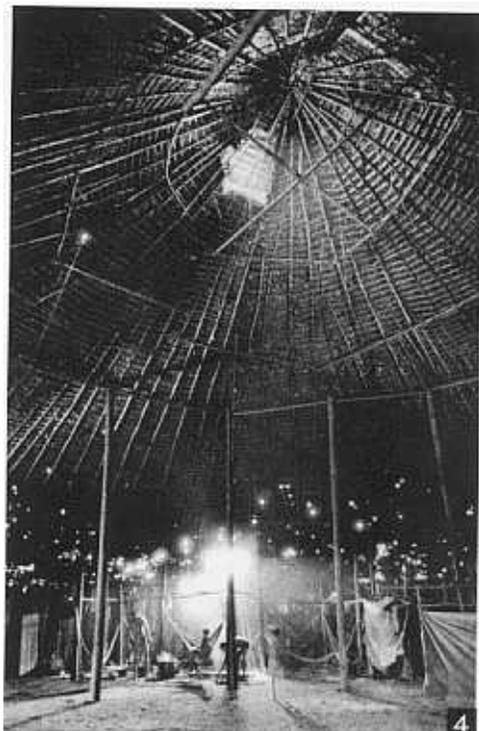
■ O índio no olhar do repórter

Vimos que *O Cruzeiro* teve grande participação na cobertura jornalística do interior do Brasil. Unificou o país com reportagens realizadas em locais nunca antes noticiados e com sua portentosa rede de distribuição, que atingia todo o território nacional. Algo que chama a atenção é a presença cativa de reportagens sobre comunidades indígenas em suas páginas; quase todas as edições traziam imagens e textos de pelo menos duas páginas sobre alguma das centenas de tribos que ainda resistiam às investidas do homem branco. As páginas de *Realidade* também trouxeram importante cobertura das aldeias indígenas, com destaque para uma edição especial sobre a Amazônia, lançada em 1972, após nove meses de reportagem sob a chefia de Raimundo Pereira. Esse número recebeu quatro dos seis prêmios Esso nesse



ano e tornou-se exemplo de investimento editorial, uma vez que foram percorridos 184 mil quilômetros de avião, gastas 1.200 horas em barcos, abertas um sem-número de picadas e tiradas 30 mil fotografias. Hoje, ainda há reportagens sobre índios nas páginas de *Veja*. Em pauta durante mais de meio século nos principais veículos de comunicação de massa brasileiro, os antigos donos desta terra são tratados de maneira bastante diversa em cada publicação. O olhar do repórter freqüentemente pousa sobre esses grupos com a premissa de que são seres estranhos, diferentes, menos brasileiros do que índios. Espera-se do índio, muitas vezes, que ele venha mexer nas câmeras dos fotógrafos, que balbuciem palavras incompreensíveis e que caminhem nus por matas e igarapés. Durante os anos em que a cobertura foi feita por *O Cruzeiro*, procurava-se apresentar os indígenas como “espécies” selvagens e culturalmente atrasadas, necessitadas de um novo fluxo de colonização, que percorresse a mata e levasse a eles os frutos da modernidade. Paulatinamente, produziam-se imagens de índios sendo atendidos em consultórios de odontologia, índios admirando surpresos a paisagem metropolitana do Rio de Janeiro,

índios sendo visitados por indigenistas, brigadeiros, e, mesmo, pelo presidente da época. Helouise Costa, estudando o assunto, sintetiza essa visão: “O índio é um empecilho ao avanço do ‘progresso’, pois sua imagem é incompatível com o modelo de uma nação desenvolvida. A dominação do índio, como parte do processo de modernização, é não só inevitável, como necessária, e a revista irá engajar-se sistematicamente nesta tarefa”. **S**ignificativamente, a revista insistia em destacar a coragem de seus profissionais, porque, às vezes, a chegada deles aos locais retratados precedia a do antropólogo, e as reportagens atingiam locais onde os representantes do próprio governo nunca haviam estado. **R**ealidade surgiu durante o governo militar, quando a questão estratégica das fronteiras se colocava e se procurava atrair empresários e industriais para o “eldorado verde” da Amazônia. Era também a época do milagre econômico, com seus projetos desenvolvimentistas representados pela rodovia Transamazônica, dentre outros, expressando a necessidade de se estabelecerem indústrias e fazendas de gado pelo interior, povoando os vazios Mato Grosso, Goiás, Pará e Amazonas. As reportagens eram calcadas em temas como “Amazônia: pulmão do mundo” e apresentavam um vasto território a ser conquistado, onde muito se poderia produzir com pecuária e agricultura. Correr para a Amazônia era um projeto tentador, não só por toda a publicidade montada, mas, principalmente, pelos insuperáveis incentivos fiscais. Essa mesma febre migratória serviu como tema para o filme *Bye Bye Brasil*, sucesso nacional dirigido por Cacá Diegues. **C**om os anos, descobriu-se que a terra da região era das menos férteis do mundo. Após um ou dois anos de cultivo, esgotavam-se suas propriedades cultiváveis, reduzindo-se a roça a um vazio arenoso desertificado. O empobrecimento do solo provoca o desaparecimento de árvores centenárias; o desmatamento capitalista produz a extin-



ção ecológica de várias espécies vegetais e animais; a falta de vegetação potencializa o processo erosivo do solo, que já não resiste à fúria das chuvas e dos rios. Ao lado disso tudo, a Transamazônica revelou-se um desastre; reservas indígenas não são respeitadas e suas populações são dizimadas pela escassez de gêneros alimentícios e pela contaminação fluvial criminosamente operada nos garimpos. **É** esse o cenário dos anos 1980 e 1990, abordado agora pelas reportagens de *Veja*. Trata-se, nesse caso, de denunciar a devastação causada pelo avanço industrial e agrí-



cola. São apresentadas imagens de madeireiras e carvoarias ilegais, de micos-leões e araras extintos, acompanhadas de gráficos nos quais há uma triste comparação da Amazônia atual com Amazônia de décadas passadas. **A**s fotos de Sebastião Salgado publicadas na imprensa introduzem mudanças na forma de abordar essas questões. Elas dão visibilidade a setores da população normalmente ignorados pela grande imprensa. **O**s conjuntos de fotos que apresentamos a seguir debatem fundamentalmente a desestruturação do modo de vida desses setores pela exploração capitalista da terra, atingindo comunidades indígenas situadas na Amazônia brasileira e no Equador.

Os índios da Amazônia brasileira

As fotografias 3 a 5 mostram aspectos de duas comunidades indígenas que, embora distantes uma da outra, lutam para preservar a terra tribal. As fotos 3 e 4 referem-se aos Ianomami que vivem em Roraima, próximos às fronteiras com a Venezuela e a Guiana. A foto 5 retrata os Maru-

bo, que vivem no vale do Javari, mais a oeste, próximos à fronteira com o Peru. Embora a Constituição de 1988 assegure aos povos indígenas o direito a definir e a controlar suas terras tradicionais, na prática isso colide com interesses de poderosos grupos econômicos e de pecuaristas, de madeireiras e mineradoras, que chegam mesmo a financiar *lobbys* para defesa de seus interesses. Por sua vez, o exército faz restrições à presença dos índios nas áreas de fronteira, temendo pela segurança. Os Ianomami distribuem-se em aldeias de 30 a 150 habitantes, nem sempre mantendo contato entre si, espalhadas em território brasileiro e venezuelano. Sofrem continuamente invasão de garimpeiros interessados nas reservas de cassiterita, ouro e minerais radioativos das terras. Com esse propósito, garimpeiros chegam mesmo a construir pistas de pouso, ou utilizar as construídas por missões religiosas e pela Força Aérea Brasileira. Além disso, esse contato desorganiza o modo de vida tradicional desses grupos indígenas e tira deles a auto-suficiência no manejo dos recursos de suas terras, tornando-os dependentes de produtos industrializados



e “mendigos em sua própria terra”. Os Marubo, que sobrevivem, ao lado de outros grupos, na parte oeste da Amazônia, sofreram consequências arrasadoras a partir do contato com os grupos envolvidos na exploração madeireira da região. Doenças como malária e tuberculose tornaram-se endêmicas, e a população, originariamente de 10 mil índios, reduziu-se a 960 indivíduos em 1998. Tornando-se sedentários e aprendendo a cultivar a terra, os Marubo necessitam se deslocar cada vez mais para o interior da floresta, visto que essa terra perde facilmente a fertilidade. Além disso, a utilização dos rios pelas companhias madeireiras para o transporte de toras até as serrarias afeta outra base da alimentação tradicional desse grupo – a pesca. Os índios são cooptados pelas madeireiras para derubada das matas, em troca de coisas sem muito valor. As consequências desse processo atingem a região como um todo, e não somente os grupos indígenas. O manejo tradicional dos deslocamentos dos Ianomami no interior da floresta é essencial para a sua preservação, enquanto as terras exploradas por posseiros e criadores de gado trazem como resultado o desflorestamento e a erosão.

O abandono dos campos no Equador

Tais problemas atingem também as populações rurais do Equador. As fotos 6 e 7 retratam aspectos do cotidiano desses grupos. A exploração



capitalista da terra afeta o modo de vida tradicional das comunidades, desorganizando-as e impelindo seus membros a migrar. O uso das terras pelos grandes pecuaristas força os índios a abandonar a região, na medida em que ficam reduzidos apenas ao



cultivo de pequenos lotes nas encostas. Esses pedaços de terra, além disso, encolhem a cada geração – alguns deles chegam a ter de três a cinco metros de largura. Na ausência da população masculina, os lotes passam a ser cultivados pelas mulheres que ali permanecem – responsáveis também pela criação de ovinos, outra importante fonte de renda. A maioria dos migrantes se dirige para Quito, ou vai engrossar as favelas da região costeira de Guayaquil. Essa cidade, com cerca de 2 milhões de habitantes, viu sua população crescer em 200 mil pessoas em apenas um ano – entre outubro de 1997 e setembro de 1998.

■ O Movimento dos Sem-Terra [MST]

Continuamente, a grande imprensa noticia invasões e protestos realizados pelos sem-terra, apresentando-os em geral como baderneiros e criminosos, como ameaças ao direito de propriedade da terra. Muitas vezes, essa terra foi apropriada de forma ilegal por seus atuais proprietários, que quase sempre podem contar com todo um aparato legal para fazer valer seus direitos. A foto 9

mostra uma invasão organizada da fazenda Giacometti, em 1996, a maior propriedade privada do Paraná, expropriada pelo governo na década de 80. Todavia, em razão das ligações políticas de seus proprietários, a medida nunca tinha tido efeito legal. A ocupação da fazenda por três mil famílias forçou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a rever o processo. A área comporta quatro mil famílias, tendo possibilidade de gerar até oito mil empregos. **A** foto 8 mostra a participação dos camponeses em um comício preparatório para uma ocupação de terra no Paraná. A participação feminina, agregando em torno de si também as crianças, é fundamental no movimento. **C**om frequência, camponeses têm sido vítimas de violências, também encobertas ou minimizadas pelo noticiário da grande imprensa. Nesse sentido, as fotografias de Sebastião Salgado cumprem um papel de denúncia, impedindo o acobertamento dos fatos. A foto 10 cumpriu esse papel, ao apresentar os caixões dos dezenove camponeses assassinados em Eldorado dos Carajás, no Pará, em abril de 1996. **A** foto 11 mostra o cotidiano dos acampamentos, onde as condições de vida são precárias, mas a esperança de conquistar a





terra para si e para a família abranda tais incômodos. A foto 12 mostra o orgulho da família de um assentamento em Santa Catarina que conseguiu seus objetivos. A felicidade e o orgulho tornam-se mais visíveis nas panelas brilhando sobre o fogão. Finalmente, a foto 13 aborda um aspecto da vida nos assentamentos que tem sido pouco valorizado pela grande imprensa, mas tem chamado a atenção de forças comprometidas com a educação popular. A valorização da educação nos acampamentos e o envolvimento de toda a comunidade com seus objetivos abrem novas perspectivas para pensarmos a esse respeito, considerando que a educação tem sido tratada por nossas autoridades mais em termos de números do que de resultados.



Fotos: 1 Chiapas, México, 1998. 2 Roraima, Brasil, 1998. 3 e 4 Roraima, Brasil, 1998. 5 Amazonas, Brasil, 1998. 6 Província de Imbabura, Equador, 1998. 7 Região de Chimborazo, Equador, 1998. 8, 9, 10 e 11 Paraná, Brasil, 1996. 12 Santa Catarina, Brasil, 1996. 13 Sergipe, Brasil, 1996.

